

FEIRAS LIVRES DE PORTO VELHO/RO: OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Fernanda Amaral Figueiredo - fernandaamafigueiredo@gmail.com
Lady Day Pereira de Souza - lady.souza@ifro.edu.br

* Submissão em: 19/09/2023 | Aceito em: 12/04/2024

RESUMO

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa realizada nos anos de 2018 e 2019 nas feiras livres da cidade de Porto Velho/RO, com apoio financeiro do Edital 30/2018/PVZN do IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte. Quanto à abordagem, esta pesquisa classifica-se como qualitativa; quanto aos objetivos, como descritiva e exploratória; quanto aos procedimentos técnicos, como pesquisa de campo, documental e bibliográfica. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram questionários, entrevistas, análise bibliográfica e documental. Participaram da pesquisa 100 feirantes das 07 feiras livres da cidade de Porto Velho/RO. Da problemática, postula-se: é possível refletir e desenvolver um diagnóstico da realidade socioeconômica das feiras livres para o fortalecimento da cultura feirante? Delimitou-se como objetivo geral analisar a realidade socioeconômica das principais feiras livres da cidade de Porto Velho/RO. O principal resultado dessa discussão reside na elaboração de um diagnóstico das feiras livres da cidade de Porto Velho/RO, no intuito de fortalecer a cultura feirante. De acordo com os resultados coletados, foi possível perceber que as feiras livres de Porto Velho/RO precisam de melhorias diversas, tais como: fomento de políticas públicas, de práticas de gestão e negócios, sobre associativismo e cooperativismo para uma maior representatividade social dos feirantes.

Palavras Chaves: Desenvolvimento local. Feiras livres. Geração de trabalho e renda. Porto Velho.

OPEN-AIR MARKETS OF PORTO VELHO/RO: OPPORTUNITIES FOR LOCAL DEVELOPMENT

ABSTRACT

This article presents part of the results of the research carried out in 2018 and 2019 in open markets in the city of Porto Velho/Ro, with financial support from Notice 30/2018/PVZN of IFRO – Campus Porto Velho Zona Norte. This research is classified in terms of the approach as qualitative, in terms of objectives as descriptive and exploratory, in terms of technical procedures such as field, documentary and bibliographic research. The data collection instruments used were questionnaires, interviews, bibliographical and documental analysis. 100 stallholders from the 07 open fairs in the city of Porto Velho/RO took part in the survey. On the issue: Is it possible to reflect and develop a diagnosis of the socioeconomic reality of open markets for the strengthening of market culture? The general objective was outlined to analyze the socioeconomic reality of the main open markets in the city of Porto Velho/RO. The main result of this discussion lies in the elaboration of a diagnosis of

open markets in the city of Porto Velho/RO in order to strengthen the market culture. According to the results collected, it was possible to see that the open-air fairs in Porto Velho/RO need several improvements, such as: fostering public policies, management and business practices, on associativism and cooperativism for greater social representation of the marketers.

Keywords: open markets. job and income generation. local development. market culture. Porto Velho.

1 INTRODUÇÃO

A feira livre é uma das formas mais antigas de comercialização de produtos agrícolas, onde os povos realizavam trocas em locais específicos da cidade, em dia determinado (SALES; RESENDE e SETTE, 2011). A riqueza econômica e cultural das feiras livres é expressiva e apresenta particularidades da comunidade local, “[...] representados por bens materiais, como artesanatos, gastronomia, e elementos imateriais, como danças, folclore e crenças” (MEDEIROS, 2014, p. 30).

Ademais, as feiras livres são um celeiro de oportunidades, que possibilitam o escoamento dos produtos da agricultura familiar, oportunidade de trabalho e sustento de várias famílias. Além de promover o desenvolvimento da economia local e o intercâmbio cultural, a feira livre é também um ponto de encontro das pessoas que residem no entorno das feiras.

As feiras livres da cidade de Porto Velho/RO são de grande relevância para a economia local. Além disso, sua história remonta da época da criação do município, sendo um forte símbolo de identidade cultural, que resiste em meio ao contraste entre o antigo e o moderno. Elas abarcam ainda a pluralidade cultural, resultado da migração de povos de diversas regiões do país, resultando em características ímpares, que se materializam em produtos para diversos gostos e culturas, como a tapioca nordestina, o açaí e o tacacá amazônico, a farinha de mandioca, dentre outros.

A partir desse contexto sociocultural, a questão que orienta este estudo está assim definida: é possível refletir e desenvolver um diagnóstico da realidade socioeconômica das feiras livres para o fortalecimento da cultura feirante? Desta problemática, deriva-se o objetivo geral: analisar a realidade socioeconômica das principais feiras livres da cidade de Porto Velho/RO. Para o alcance do objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: identificar as principais feiras livres, o perfil dos feirantes, suas motivações, dificuldades e expectativas; apresentar a infraestrutura atual, os principais produtos comercializados, as principais leis municipais sobre funcionamento, organização e controle das feiras livres; e elaborar um diagnóstico de suas potencialidades e oportunidades.

Para investigar e, sobretudo, caracterizar uma estrutura argumentativa sobre o diagnóstico das feiras livres, tomamos como base teórica fundamental os estudos de Moreira (2009), Sato (2012) e Silva (2018), autores que estudam sobre o marco histórico das feiras livres no Brasil, sua importância cultural, social e econômica para o desenvolvimento local e sobre o labor diário do feirante.

Nesta investigação, utilizou-se a pesquisa de campo, documental e bibliográfica, por meio de uma abordagem qualitativa, autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Rondônia, mediante o parecer n.º 3.902.978. Os instrumentos que nortearam a coleta de dados foram questionários, análise documental e bibliográfica. O trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, apresentamos a fundamentação teórica sobre as feiras livres, sua importância para o desenvolvimento local e a metodologia de pesquisa. Na segunda parte, expomos os resultados e discussões da pesquisa sobre o diagnóstico de sete feiras livres da cidade de Porto Velho/RO. Na terceira parte, tecemos nossas considerações finais deste trabalho.

2 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DAS FEIRAS LIVRES

Segundo Lima e Câmara (2010), as feiras livres surgiram oficialmente na idade média, quando o Estado começou a controlar e disciplinar o seu funcionamento. Mas, foi a partir da revolução comercial (séc. XI) que as feiras ganharam importância entre as classes populares, pois eram os locais específicos para realizar negociações (*ibidem*).

Por outro lado, Sato (2012) destaca que as feiras livres eram espaços polivalentes. Na antiguidade, além de possibilitar a realização de compra, venda e trabalho, elas eram também um espaço de manifestação popular e política de resistência às mudanças culturais, sociais e econômicas. Nesse sentido, a população feirante se colocava em praças também para reafirmar os procedimentos de compra e venda de alimentos, firmando sua cultura popular, por meio, ainda, da prática da comercialização a preços mais acessíveis (*ibidem*).

Já sobre as feiras livres no Brasil, Lima e Câmara (2010, p.2) relatam que “[...] há evidências das feiras livres desde os tempos da colonização, e mesmo com a modernidade elas persistem, sendo em muitas cidades do interior do país, o único local de comércio da população”. Elas funcionam também como espaço de educação, cultura e diversão.

Ademais, compreende-se feira livre como “[...] uma reunião periódica de mercadores que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, e utiliza para isso as vias públicas” (JESUS, 1991, p.12 *apud* SILVA, 2018, p. 65). É uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, com locais e dias

definidos, sendo na atualidade os órgãos ligados às prefeituras responsáveis pela sua organização, funcionamento e fiscalização.

Com seus sons, cheiros, cores, a feira livre é um palco aberto a qualquer pessoa. Nestes espaços pré-definidos, todos podem vivenciar relacionamentos e convivências diversas. Entretanto, empiricamente, verifica-se que a maioria dos relacionamentos é formada por grupos familiares que vendem seus produtos, gerando renda e sustento familiar. Ademais, as feiras livres são espaços que desenvolvem significativos fluxos de mercadorias, pessoas e informações, integra campo a cidade, sejam pequenas, médias ou grandes cidades, sendo ainda hoje importante para uma grande parcela da população brasileira tanto do campo como da cidade (SANTOS, 2013).

Salienta-se, ainda, que até hoje as feiras livres são espaços peculiares que se diferenciam por ser um ambiente comercial que atrai diversos consumidores, com a oferta de produtos singulares, por seu aspecto artesanal, advindos da produção de pequena escala, e com a construção de relações humanas baseadas tradicionalmente na amizade e confiança. Esses diferenciais podem ser considerados elementos competitivos (SILVEIRA *et al.*, 2017; SALES; RESENDE; SETTE, 2011).

Contudo, o desenvolvimento das feiras livres pode ser mitigado pela falta de conhecimento e informações especializadas sobre gestão das vendas e atração de clientes, e pela falta de recursos, incentivo de políticas públicas para o seu desenvolvimento e crescimento. Os autores afirmam que esses conhecimentos poderiam potencializar o movimento das feiras livres se estas estivessem aliados ao caráter lúdico, existente na dinâmica destes espaços, em que são constituídos os encontros, as conversas, as articulações e diversões.

Para tanto, Sato (2012) relata também que a sociedade apresenta visões diferenciadas sobre a feira livre no espaço urbano. Uma dessas visões considera as feiras livres como precárias devido “[...] às condições de higiene das feiras, cogita-se a sua extinção quando se discute o planejamento urbano [...]”, com o crescimento das cidades, alega-se que as feiras podem estar em desacordo com os usos e costumes de uma época. De outro modo, há também a visão de que as feiras apresentam características singulares e positivas, como a personalização, confiança e amizade nas relações, que os comércios modernos tentam replicar.

Além disso, as feiras livres fazem parte da vida econômica dos municípios e promovem uma série de relações econômicas. Contudo, por suas características físicas, transmitem para algumas pessoas a percepção de informalidade – o que leva elas, as feiras livres, a serem consideradas por alguns, como atividades não econômicas (OLIVEIRA, 2014; MIRANDA, 2009). Entretanto, as feiras são composições urbanas que devem ser pensadas nos planejamentos das cidades. Neste cerne, muitos

conflitos emergem, principalmente quando os governos consideram as feiras livres como atividades impróprias, visão que contribui na desconsideração de sua importância econômica, social, além da sua memória e cultura, no processo de elaboração do planejamento de melhoria urbana.

Nesse sentido, Baraúna (2005) afirma que o processo de planejamento está sempre a serviço da ideologia dominante, demonstrando que decisões do Estado, tendem a ser em função de um projeto político daqueles que detêm o controle do processo decisório. Tal vertente permite a desvalorização das necessidades da comunidade local, diante dos anseios de uma política elitista e autoritária.

Outra situação que dificulta a aplicação do planejamento urbano que se materializa no Plano Diretor e na Lei Orgânica Municipal, é a demora no processo de aprovação desses planos. Essa demora se amplia até a execução dos planos, pois – quando são executados – as demandas dos cidadãos já são outras. Assim, as políticas tendem a falhar no acompanhamento da realidade urbana e das demandas da população (SILVA, 2018). Desse modo, os governos municipais devem caminhar para o aprimoramento da gestão das políticas públicas orientadas para melhoria da aplicação dos planejamentos das cidades.

Sabemos que são infinitos os espaços públicos que demandam políticas públicas eficientes, sendo as feiras um espaço que necessita de um olhar especial dos gestores públicos, pois alavancam o desenvolvimento econômico, social e cultural das cidades. Em pesquisa realizada nas feiras da cidade de Realeza/PR, por Corá, Begnini e Rech (2011), e nas feiras da cidade de Cruz das Almas/BA, por Silva (2018), os autores apresentam relatos de feirantes que indicam problemáticas como: a falta de estrutura, ausência do poder público no apoio em garantir melhores condições de trabalho, ausência de políticas públicas específicas relacionadas à organização, limpeza e segurança, e outros elementos que comprometem a gestão destes espaços públicos.

Mesmo sem uma estrutura adequada e pouco incentivo do poder público, os feirantes ainda apresentam satisfação em atuar nas feiras, quando consideram os laços de amizade, o conhecimento adquirido e as relações construídas nas feiras. Ser feirante é uma oportunidade de trabalho para vários brasileiros. Ser feirante tem suas glórias e dores como qualquer outra profissão. Sem necessidade de escolarização formal, a qualificação dos feirantes é baseada na vivência e aprendizagem coletiva.

No dia a dia dos feirantes, eles constroem seu sistema de trabalho, desenvolvem habilidades de comunicação com a clientela. Feirantes e fornecedores exercem uma atividade profissional que demanda tempo para aprendizagem e muita atenção (SATO, 2012).

Inclusive, esta última habilidade, a comunicação, é apontada por Vedana (2003) como fundamental na atuação do feirante. A capacidade de interação com os clientes e o domínio do jogo

de sociabilidade auxiliam na construção dos laços de reciprocidade com seus fregueses, ampliando a fidelidade do cliente e o sucesso do negócio. Mas, vale ressaltar que também são necessários os conhecimentos sobre economia, agricultura, alimentos e outros que colaboram para a venda do seu produto.

O trabalho como feirante é uma jornada longa e intensa, que exige a realização de atividades básicas como limpeza, além de muita disposição física, pois eles iniciam suas atividades laborais bem cedo. Muitos feirantes antes do sol nascer já estão com suas barracas montadas e os produtos expostos esperando a clientela. Sato (2012) elenca algumas características do ser feirante: saber selecionar, comprar, montar barraca e expor adequadamente as mercadorias, conhecer e aplicar as regras de operacionalização das feiras livres, saber vender, relacionar-se de modo a construir confiança e fidelização da freguesia. Além dessas habilidades, a atividade de feirante, como qualquer outra atividade empreendedora, requer a capacidade de assumir riscos quanto à recuperação do capital investido, já que a atividade é desenvolvida numa conjuntura complexa, em que se articulam aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais.

Os saberes do feirante são aprendidos na prática e exigem habilidade de integração entres os demais “colegas de banca”, já que a organização do trabalho se dá por meio da cooperação mútua (SATO, 2012). Assim, a construção do saber feirante depende da interação e da relação com outro, na feira, no dia a dia de ser feirante, com os colegas, passando de pai para filho. Um fazer-se feirante que depende de conhecimentos diversos e da construção de vínculos, laços amizade e partilha (VEDANA, 2013).

Com base nessas características e cientes do movimento econômico que é mobilizado, podemos inferir que as feiras se configuram em demandas sociais e urbanas a serem consideradas na elaboração, coordenação e implementação de políticas públicas nos espaços urbanos. Nesse sentido, Miranda (2009) apresentou em sua dissertação de mestrado o *Project for Public Space –PPS*, que desenvolve iniciativas de desenho urbano que reconhecem o fator humano como fator econômico, que valoriza o mercado local, como símbolo de resgate de uma identidade perdida. Projetos como este devem ser replicados país a fora para a construção de um desenvolvimento local sustentável com o propósito de valorização dos povos tradicionais e culturas locais.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se quanto à abordagem como qualitativa. Já quanto aos objetivos trata-se de uma pesquisa descritiva, por buscar a caracterização dos elementos que constitui as feiras

livres de Porto Velho, e exploratória, pois buscou-se evidenciar aspectos e achados passíveis de representar dinâmicas específicas das feiras livres. Esta pesquisa classifica-se quanto aos procedimentos técnicos em pesquisa de campo, documental e bibliográfica. Os instrumentos de coleta de dados utilizados durante a pesquisa foram análise documental e bibliográfica, observações, questionário com perguntas abertas e fechadas junto aos feirantes e consumidores.

A abordagem aos feirantes foi realizada barraca por barraca, convidando-os a participarem da pesquisa. Para consolidar e analisar os resultados, utilizou-se o *software IBM SPSS Statistics*, versão 23. A administração do questionário foi realizada com 100 feirantes nos anos de 2018 e 2019 em 7 feiras livres (Quadro 1) da cidade de Porto Velho/RO, que acontecem de terça a domingo. A programação de feiras livres junto ao Cadastro da SEMDESTUR não consta a feira do Santo Antônio, pois ela ainda não está regularizada junto aos órgãos municipais.

Destaca-se que entre os 100 feirantes que participaram da pesquisa, 36 entrevistas foram na Feira Livre do Caladinho, 04 entrevistas na Feira Livre do Santo Antônio, 23 entrevistas na Feira Livre do 4 de Janeiro, 08 entrevistas na Feira Livre da Liberdade, 10 entrevistas na Feira Livre do Areal Centro, 07 entrevistas na Feira Livre da Avenida Amazonas e 12 entrevistas na Feira Livre do Cai na Água.

Quadro 1 – Feiras Livres pesquisadas com localização e horário de funcionamento

Qtde	Nome da Feira Livre	Dia da Feira	Horário de funcionamento	Localização
1	Feira do Caladinho	Terça-feira	6h às 13h	Rua Caetano entre a Avenida Jatuarana e Rua Algodoeiro
2	Feira do Quatro de Janeiro -	Quarta-feira	6h às 13h	Rua Ananias F. de Andrade, entre Avenida Calama e Rua Eliézer de Carvalho.
3	Feira do Santo Antônio	Quarta-feira	17h às 21h	Praça do Bairro Santo Antônio, entre a Avenida Getúlio Vargas esquina com a Rua Padre Chiquinho no Bairro São João Bosco.
4	Feira do Liberdade	Quinta-feira	6h às 13h	Rua Rafael Vaz e Silva esquina com a Rua Senador Álvaro Maia
5	Feira do Areal Centro	Sexta-feira	6h às 13h	Rua Princesa Isabel, entre as Ruas Marechal Deodoro e Campo Sales.
6	Feira do Nova Porto Velho -	Sábado	6h às 13h	Av. Nicarágua entre Amazonas e Raimundo Cantuária e na rua Jacy-Paraná entre Buenos Aires e Nicarágua.
7	Feira da Baixa da União	Domingo	6h às 13h	Av. Rogério Weber entre Rua João Alfredo e Rua Jaci-Paraná.

Fonte: site da SEMDESTUR – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Socioeconômico e Turismo de Porto Velho/RO

Com base nos dados coletados, verificou-se que mais de 50% dos feirantes entrevistados participam de quase todas as feiras livres. Dos 100 feirantes entrevistados, 81 feirantes participam

da Feira Livre do Caladinho, 17 da Feira Livre do Santo Antônio, 87 feirantes da Feira Livre do 4 de Janeiro, 77 feirantes da Feira Livre da Liberdade, 58 da Feira Livre do Areal Centro, 87 da Feira Livre da Avenida Amazonas e 89 participam da Feira Livre do Cai n'água.

3.1 Caracterização do Município de Porto Velho/RO

O município de Porto Velho fica localizado à margem direita do Rio Madeira, o maior afluente da margem direita do Rio Amazonas. Surgiu em 1907 durante a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e foi elevada à categoria de município no ano de 1914. Com população estimada em 529.544 habitantes pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano de 2019, sendo 33% a proporção de população ocupada em relação à população total conforme IBGE (IBGE, 2019).

Atualmente, o município de Porto Velho/RO é formado por 12 distritos: Porto Velho, Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos e Vista Alegre do Abunã (IBGE, 2010). Segundo dados do IBGE (2010), a renda *per capita* de 34% da população de Porto Velho/RO é de até ½ salário-mínimo.

Em 2017, o Produto Interno Bruto (PIB) do município de Porto Velho foi de 16,5 milhões, sendo as principais atividades econômicas agropecuária, indústria, serviços e administração pública (*ibidem*). Segundo o censo agropecuário de 2017, Porto Velho tem o maior rebanho de bovinos, suínos, ovinos e codornas do estado de Rondônia, já na agricultura é o primeiro do ranking no Estado no cultivo de Cupuaçu, pupunha, mandioca e banana (*ibidem*). Essas atividades oriundas da produção agrícola ocorrem tanto nos distritos quanto na zona rural do município, e uma das formas de escoamento dessa mercadoria acontece por meio das Feiras Livres locais.

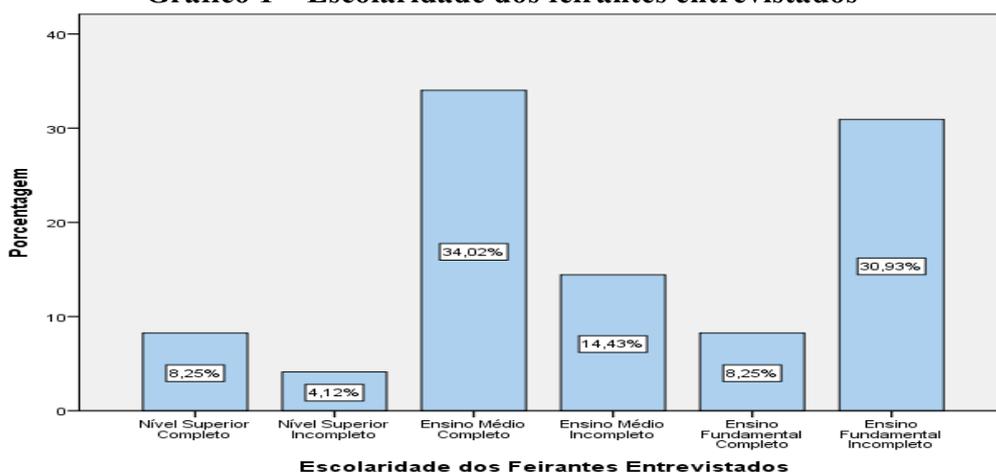
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentados os resultados da pesquisa, os dados dos questionários e considerações dos participantes. Os dados dos participantes foram preservados e utilizados para fins exclusivamente científicos. Desse modo, diversos resultados foram observados desde a aplicação dos questionários, entrevistas, observações, análise documental até a finalização do relatório final.

4.1 Perfil dos feirantes e a realidade das feiras livres de Porto Velho/RO na perspectiva do feirante

Dos 100 feirantes entrevistados, 50% eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino; 75% dos entrevistados possuíam residência própria. As idades dos feirantes entrevistados variam de 18 anos a 73 anos. Sendo que 79% têm entre 30 e 73 anos de idade. Quanto ao nível de instrução dos entrevistados, identificou-se que 8% possuem nível superior completo, 4% possuem nível superior incompleto, 34% possuem ensino médio completo, 14% possuem ensino médio incompleto, 8% possuem ensino fundamental completo, 31% ensino fundamental incompleto (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Escolaridade dos feirantes entrevistados

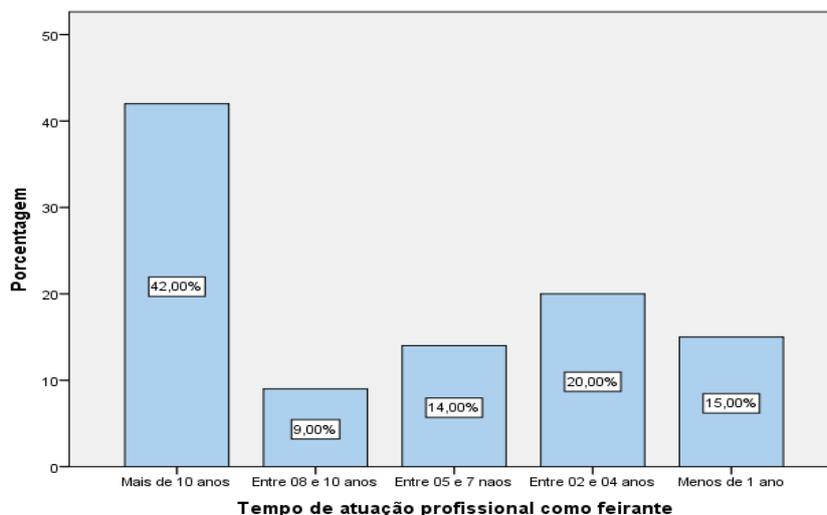


Fonte: Dados da pesquisa (2019) elaborados pelo software SPSS 23

Como se pode observar, 34% dos entrevistados têm o ensino médio completo, 14% têm ensino médio incompleto, 14% têm ensino fundamental completo e 31% têm ensino fundamental incompleto. Nos estudos realizados por Silva (2018), em Cruz das Almas/BA, identificou-se também uma tendência pela busca de ampliar a qualificação formal pelos feirantes.

Sobre o tempo de atuação como feirante, identificou-se que 42% dos entrevistados atuam há mais de 10 anos como feirantes (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Tempo de atuação profissional como feirante

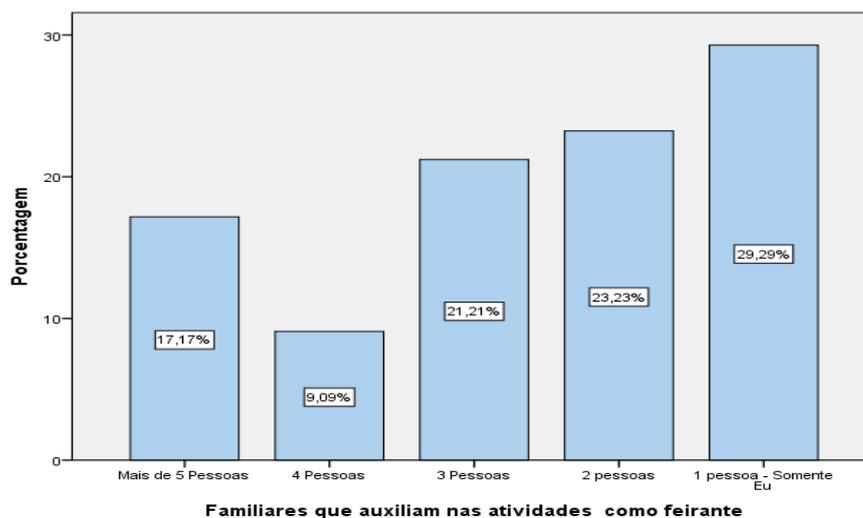


Fonte: Dados da pesquisa (2019) elaborados pelo *software SPSS 23*

Do total de feirantes entrevistados, 39% responderam que seus pais eram feirantes. Quando os entrevistados foram questionados sobre as motivações pessoais que os levaram a atuar como feirante, 37% responderam que foi a oportunidade de trabalhar no próprio negócio, para 33% foi o desemprego, 10% tradição familiar (familiares eram feirantes), 12% outros motivos não relatados e para 8% dos entrevistados é uma oportunidade de uma renda extra.

Na pesquisa, detectou-se que 71% dos entrevistados trabalham com familiares que auxiliam nas atividades da barraca e 29% trabalham sozinho na feira sem o auxílio de familiares (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Familiares que auxiliam nas atividades como feirantes



Fonte: Dados da pesquisa (2019) elaborados pelo *software SPSS 23*

Para 58% dos feirantes entrevistados, o trabalho na feira livre é a única fonte de renda. Nesse sentido, Silva (2018) também identificou um percentual similar: 56% dos feirantes de Cruz das Almas/BA que afirmaram que a comercialização de seus produtos na feira livre é sua única fonte de renda. Entretanto, 72% dos feirantes participantes da pesquisa em Porto Velho/RO afirmaram que a atividade na feira atende a demanda de renda familiar.

Este estudo revela que 45% dos pesquisados nasceram em Rondônia, 20% em outros Estados da região Norte, 21% da região Nordeste, 4% da região Centro-Oeste, 1% da região sudeste, 5% da região Sul e 4% de outros países (Quadro 2).

Quadro 2 – Local de origem dos feirantes entrevistados

Região	Estado	Porcentagem
Região Norte	Rondônia	45%
	Amazonas	14%
	Acre	3%
	Pará	2%
	Amapá	1%
	Maranhão	7%
Região Nordeste	Ceará	4%
	Paraíba	4%
	Bahia	3%
	Pernambuco	2%
	Rio Grande do Norte	1%
	Mato Grosso do Sul	2%
Região Centro-Oeste	Distrito Federal	1%
	Goiás	1%
	Minas Gerais	1%
Região Sudeste	Paraná	5%
Outros Países	Bolívia	3%
	Haiti	1%
Total		100%

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O estado de Rondônia desenvolveu-se a partir da migração de pessoas de diversas regiões do país, num primeiro momento com a instalação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré no início do Século XX e depois em 1970 quando se iniciou o processo de colonização agrícola. É natural que a grande maioria dos feirantes sejam originários de vários estados brasileiros, ou até mesmo de outros países como Bolívia e Haiti. Identificamos, ainda, a presença de venezuelanos trabalhando como ajudantes nas barracas dos feirantes.

Pode-se perceber que essa pluralidade cultural em Rondônia reflete também na diversidade de alimentos e de produtos comercializados nas feiras livres. Dentre eles, podemos destacar a goma de tapioca e o açaí. A filha de um dos feirantes que comercializa açaí há mais de 25 anos nas feiras

livres relatou que eles tinham uma plantação de açaí com cerca de 11.000 (onze mil) pés de açaí em um sítio da família na estrada da Penal. Porém, na época da enchente do Rio Madeira no ano de 2014, eles perderam toda a plantação e, atualmente, quando acaba a produção dos fornecedores próximos a Porto Velho/RO, seu pai percorre longas distâncias com sua caminhonete em busca do açaí.

Segundo o censo agropecuário IBGE, os Estados da região Norte foram os maiores produtores de açaí do Brasil no ano de 2017, sendo que o estado de Rondônia teve produção de 591 toneladas. Como reflexo deste fato, ele é um dos principais produtos comercializados nas feiras livres de Porto Velho. Entretanto, no Quadro 4, apresentamos outros produtos que compõem o conjunto de mercadorias ofertadas.

Quadro 4 – Principais produtos comercializados nas feiras livres de Porto Velho/RO

Verduras: cebolinha de folha, coentro, salsa, alface, couve, rúcula, pimentão, pimenta de cheiro, etc.
Frutas: abacaxi, melancia, mamão, laranja, limão, etc.
Polpa de Frutas de: Cupuaçu, araçá, acerola, goiaba, etc.
Galinha caipira, ovos caipira, ovos de granja, carne de porco.
Goma de tapioca, farinha de mandioca de vários tipos, mandioca <i>in natura</i> .
Legumes: cenoura, beterraba, batata monalisa, batata doce, tomate.
Milho verde, queijo de diversos tipos, açaí.
Pastel frito de diversos sabores, tapioca de diversos sabores, sucos, pão de queijo.
Peixes: tambaqui, pintado, cará, branquinha, camarão seco.
Condimentos diversos (colorau, pimenta do reino, açafrão, etc), ervas diversas para chá.
Tucumã, abiu, castanha-do-pará, pupunha.
Confecções diversas (roupa infantil, roupa íntima, roupa feminina, roupa masculino).
Plantas e flores.
Utilidades domésticas diversas (pino e borracha de panela de pressão, panelas de alumínio batido, churrasqueiras, fogão artesanal de carvão, alças de chinelo, etc).

Fonte: Dados da pesquisa utilizando o *software SPSS 23*

Além dessa infinidade de produtos nas feiras livres, os portovelhenses que visitam a Feira Livre do Cai n'água, ou a “Feira da Baixa da União”, podem ouvir uma boa música com cantores locais no galpão central, enquanto saboreiam um delicioso pastel ou tapioca. Significando, também, ser um importante ponto turístico da cidade.

Quanto aos produtos comercializados nas feiras livres da cidade de Porto Velho/RO, os entrevistados afirmaram que 71% dos produtos são adquiridos de fornecedores e 29% dos produtos são produzidos ou cultivados pelos próprios feirantes. Silva (2018) também identificou essa mudança de perfil dos feirantes nas feiras livres de Cruz das Almas/BA e afirma que há uma tendência na redução de feirantes-produtores e aumento do número de feirantes-revendedores.

Contudo, este estudo permite afirmar que as maiorias dos produtos comercializados nas feiras são oriundos de Porto Velho/RO e de outras cidades de Rondônia. Com base no relato dos participantes da pesquisa, pode-se mapear a produção e fornecimento da seguinte forma:

- Produtos como couve, alface, cebolinha de folha, salsa, coentro, pepino, pimentão, pimenta de cheiro e tomate, são cultivados em hortas familiares localizadas em pequenas chácaras na estrada dos Periquitos, na estrada do Japonês, no Bairro São Francisco em Porto Velho e em sítios da Cidade de Candeias do Jamari/RO;
- Produtos como tomate, limão, cebola branca e roxa, apresentam baixa produção local, assim muitos feirantes adquirem de outros Estados;
- Frutas como banana maçã, banana prata e banana de fritar, são cultivadas no distrito de União Bandeirantes em Porto Velho/RO, mas devido às chuvas e ao clima que prejudica a produção local, são adquiridas de outras cidades como Alto Paraíso/RO ou do estado do Acre;
- A farinha de mandioca é uma produção local oriunda da área rural e da região ribeirinha de Porto Velho/RO.
- A goma de tapioca pode ser preparada de duas formas: através do processo artesanal de decantação da mandioca e da decantação da fécula da mandioca. Muitos feirantes que utilizam este último processo de preparação adquirem a fécula de outros estados brasileiros, tais como Paraná. Já os feirantes que comercializam a goma de tapioca do processo artesanal, adquirem o produto na área rural e de ribeirinhos de Porto Velho/RO.
- A castanha do Pará é típica da região Norte e por seu valor nutritivo é altamente consumida pelos clientes da feira, que é adquirida de ribeirinhos que vivem às margens do Rio Madeira. Os principais fornecedores citados pelos feirantes são do Lago do Cuniã, Distrito de Calama e São Carlos do estado de Rondônia e Lago do Aracá, Ilha das Onças, município de Borba e Manicoré do estado do Amazonas.

A goma de tapioca é um produto bastante consumido pelos portovelhenses. Após o processo de decantação da goma de tapioca, os feirantes peneiram a goma durante a feira, sendo embalada ali a vista do freguês.

O trabalho como feirante é bastante intenso, pois 17% dos feirantes iniciam as atividades antes das 4 horas da manhã e 65% iniciam as atividades entre 4 horas e 5 horas da manhã, já que o

atendimento aos clientes da feira livre inicia-se às 6 horas e vai até às 13 horas, ou seja, a maioria trabalha cerca de 8 horas corrida na feira.

Após chegarem à feira livre, os feirantes que possuem barracas de lona as montam. Já os feirantes que não possuem barracas, utilizam o serviço de aluguel que inclui a montagem e desmontagem das barracas. Na dinâmica das feiras livres pesquisadas, cada feirante tem o seu espaço definido pelo fiscal da prefeitura, e os feirantes novatos precisam aguardar a organização dos feirantes antigos para depois se posicionar nos espaços livres.

Identificou-se, também, que nas feiras livres estudadas, não existe padrão de barracas, e apesar de cada feirante conhecer seu ponto de localização, não há definição de tamanho do espaço a ser utilizado por cada barraca. As feiras livres são realizadas ao ar livre, exceto a feira livre da Baixa da União, que acontece aos domingos e dispõe de espaço coberto. Observou-se, ainda, que não existe nas feiras padronização com relação a locais específicos para cada tipo de produto. Outra característica marcante entre os feirantes pesquisados é que 84% utilizam veículo próprio (carro, caminhonete e moto) para deslocamento de sua residência até à feira, e os 16% restantes utilizam serviços de frete para deslocamento.

Imagem 4 – Fotos Feira Livre da Baixa da União (domingo)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

As feiras livres da cidade de Porto Velho/RO apresentam oportunidades riquíssimas de trabalho e renda, mas durante a pesquisa, evidenciou-se, por meio das entrevistas, muitas problemáticas vivenciadas pelos feirantes, conforme pontuado abaixo:

- Apesar de serem donos do próprio negócio, inclusive por meio de formalização como MEI – Microempreendedor Individual, os feirantes sentem que, nos últimos anos, tem diminuído o movimento de clientes, além da atividade não dar acesso à aposentadoria;

- As mulheres feirantes relatam a dificuldade em utilizar os banheiros químicos disponibilizados recentemente, pois devido ao fluxo intenso de uso, ficam sujos e elas têm receio de contrair doenças. Muitos feirantes, quando necessitam, procuram comércios próximos à feira para utilizarem o banheiro;
- A falta de segurança também foi uma dificuldade apresentada pelos feirantes, por meio de relatos sobre a ocorrência de roubos/assaltos no final da feira ou mesmo quando retornam para casa;
- De modo geral, e especialmente, na feira do Cai n' água, relatos evidenciaram as péssimas condições de trabalho ambientais, incluindo o cheiro forte no local e banheiro sem condições de uso.

Por outro lado, os feirantes relataram outras problemáticas que podem prejudicar a imagem da feira livre como: a dificuldade quanto ao recolhimento adequado do lixo produzido durante a feira, já que os resíduos são deixados nas ruas, e o consumo de bebida alcoólica por alguns feirantes, especialmente naquelas que acontecem no final de semana, sábados ou domingo.

As dificuldades vivenciadas pelos feirantes são infinitas, mas se pode observar que há alegria e disposição para o trabalho, expressões que se concretizam no tratamento diferenciado à clientela.

No quadro 5, são apresentadas algumas sugestões de melhoria nas feiras livres de Porto Velho/RO dadas pelos feirantes.

Quadro 5 – Sugestões de melhoria nas feiras livres de Porto Velho/RO relatadas pelos feirantes

Segurança pública, pois segundo relato dos feirantes falta policiamento nas feiras livres.
Padronização das barracas com definição de cor, tamanho de cada barraca, espaços definidos para tipos específicos de produto.
Falta de organização dos feirantes, falta de união entre a classe e melhor visibilidade junto ao poder público.
Aumentar o quantitativo de banheiros químicos nas feiras livres.
Instalação de torneiras com água na proximidade das feiras, pois os feirantes das bancas da verdura precisam trazer água de casa, buscando assim preservar a qualidade dos produtos, pois o calor é muito forte.
Divulgação das feiras livres em veículos de comunicação.
Disponibilização pelos órgãos públicos de barracas que promovessem melhor qualidade no trabalho dos feirantes, padronizadas, pois devido ao calor de Rondônia as barracas utilizadas são muito quentes.
Maior controle por parte da prefeitura, pois muitos feirantes entrevistados não têm ponto fixo na feira.
Limpeza da feira pelos feirantes. Desse modo, cada feirante deveria ensacar o seu lixo, para deixar a feira com uma aparência melhor.
A prefeitura deveria fiscalizar e sanar problemas de infraestrutura dos espaços das feiras, pois há barracas próximas de locais impróprios, com água escorrendo, mal cheiro, etc.
Apoio dos órgãos públicos, políticas públicas de apoio e fortalecimento das feiras livres.
Falta de estacionamento para os clientes que frequentam as feiras.

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

4.2 Legislação Municipal sobre as Feiras Livres

A pesquisa identificou que 79% dos feirantes reconhecem que a Associação de feirantes os representa junto aos órgãos públicos. Este fato evidencia que existe uma dinâmica coletiva que se esforça para garantir a contínua gestão social em prol do alcance de melhorias para a feira. Desse modo, este estudo se propôs a buscar informações sobre as políticas existentes para feirantes.

Salienta ainda que, em contato com a Prefeitura de Porto Velho/RO, por meio do Sistema Eletrônico de Informação ao Cidadão – E-SIC, verifica-se que a SEMUSB- Subsecretaria Municipal de Serviços Básicos é o setor responsável pela organização, fiscalização e controle das feiras. O setor nos informou que, no momento, 400 feirantes estão cadastrados na subsecretaria. No Quadro 6, são apresentadas as leis municipais instituídas até o ano de 2019, que buscam promover a organização, fiscalização e controle das feiras livres de Porto Velho/RO.

Quadro 6 – Legislação Municipal de Porto Velho sobre feiras livres instituídas até o ano de 2019

Legislação Municipal sobre feiras livres	Finalidades e atribuições
Lei n.º 53-A, de 27/12/1972	Código de Posturas do município de Porto Velho/RO. No artigo 206, define normas gerais sobre o licenciamento para localização de barracas em logradouros públicos, incluindo assim as feiras livres, tamanho mínimo das barracas e os locais que podem ser montadas as barracas.
Decreto n.º 10.912, de 10/01/2008	Disciplina sobre os aspectos sanitários para o funcionamento e comercialização de alimentos nas feiras livres. Os feirantes que trabalham com alimentos devem possuir cadastramento junto ao SEMUSB e autorização da Vigilância Sanitária Municipal, e devem, obrigatoriamente, fazer cursos de Boas Práticas de Fabricação e Manipulação de Alimentos.
Lei n.º 1.876, de 19/05/2000	Disciplina sobre os resíduos sólidos gerados pelos feirantes durante as atividades nas feiras livres.
Lei n.º 445, de 27/03/2012	Institui, organiza e regula as feiras livres de Porto Velho/RO. O dispositivo apresenta o objetivo de elaborar projetos de edificação e/ou confecção de tendas, devendo participar destes projetos as associações locais ou do sindicato da categoria. Também regula itens como horário de funcionamento, proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas, entre outros.
Decreto n.º 15.293, de 26/06/2018	Estabelece atividades e competências para a gestão dos espaços públicos de Porto Velho/RO, incluindo os espaços das feiras livres.

Para entender os limites do cumprimento destes dispositivos legais no âmbito municipal, verificamos que 85% dos pesquisados possuem cadastro junto à SEMUSB, e somente 58% dos

feirantes entrevistados realizaram cursos para atuar com feirantes. Desse modo, observa-se que 42% dos feirantes pesquisados nunca realizaram qualificação para atuar neste ramo de negócio.

Por outro lado, os dispositivos legais apresentam normas e regulamentos importantes para o funcionamento adequado das feiras livres. Contudo, percebem-se falhas na fiscalização e pouco interesse governamental em cumprir objetivos previstos nestes dispositivos. Entretanto, também podemos pontuar a existência de pouca mobilização coletiva por parte dos feirantes e seus representantes junto ao governo municipal, contribuindo para o entrave generalizado de ações efetivas voltadas à melhoria das condições ambientais e de segurança nas feiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estudo foi analisar a realidade socioeconômica das principais feiras livres da cidade de Porto Velho/RO. Buscou-se, inicialmente, conhecer as feiras livres da cidade de Porto Velho/RO, o perfil dos feirantes, os principais produtos comercializados, as leis municipais, as dificuldades do trabalhador feirante e, por fim, a percepção dos feirantes sobre as possibilidades de melhorias nas feiras livres.

Conclui-se que as feiras livres da cidade de Porto Velho têm um grande potencial de geração de emprego, renda e distribuição da produção da agricultura familiar. Todavia, por falta de ações efetivas no campo das políticas públicas, gestão e negócios, representação social e política, ocasiona a perda de qualidade dos serviços oferecidos. Observa-se pouco fomento governamental para o desenvolvimento do setor. Conforme Miranda (2009, p.42), os espaços de poder acabam por negar a importância das feiras livres, tratando-as como espaços de atividade econômica “atrasada”.

O objetivo deste estudo não foi somente apontar os problemas, mas ir além ao propor debates, estudos e, mais que isso, construir um diálogo entre governo, feirantes e clientes. Pode-se dizer que o objetivo da pesquisa foi alcançado, uma vez que a problemática sugerida na introdução do artigo foi respondida. A principal dificuldade deste trabalho foi durante a coleta de dados nas entrevistas dos feirantes, tendo em vista que elas foram realizadas durante o período de feira.

As questões que poderão ser objeto de estudos em outros momentos, que ficaram em aberto neste trabalho, foi uma pesquisa sobre o resgate da história das feiras livres de Porto Velho/RO, a percepção dos gestores públicos sobre a importância das feiras livres para o desenvolvimento econômico local, uma análise das leis orçamentárias do município de Porto Velho nos últimos 8 anos para identificar os projetos e atividades de apoio e fortalecimento das feiras livres. Ainda é possível vislumbrar uma pesquisa sobre controle financeiros, gerenciais e contábeis utilizados pelos feirantes

para registrar suas vendas, levantamento dos feirantes que se formalizarem através do MEI – Microempreendedor Individual e as vantagens do MEI para os feirantes.

REFERÊNCIAS

BARAÚNA, T. **Planejamento do Desenvolvimento: da ilusão tecnocrática à realidade da práxis.** 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. Disponível em: http://www.pgdra.unir.br/uploads/85796698/menus/dissertacoes/Tania_Barauna_Dissertacao_2000_2005.pdf. Acesso em: 29 jan. 2020.

CORÁ, M. B.; BEGNINI, L.; RECH, R. Análise sócio-econômica da associação de feirantes município de Realeza-PR. **Synergismus scyentifica UTFPR**, Pato Branco, . 2011. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/download/1176/782>. Acesso em: Acesso em: 29 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019. **Panorama das cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/portovelho/panorama>. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____, 2017. **Resultado dos Dados Preliminares do Censo Agropecuário – 2017.** Disponível em: https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____, 2010. **Panorama das Cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/portovelho/historico>. Acesso em: 11 fev. 2020.

JESUS, G. M. **O lugar da feira livre nas grandes cidades capitalistas: conflitos, mudanças e persistências.** Rio de Janeiro: (1964-1989). 1991. (Dissertação) Mestrado em Geografia Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LIMA, T. C.; CÂMARA, T. M. **Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RS.** In: CONGRESSO DE PESQUISA E INOVAÇÃO DA REDE NORTE E NORDESTE DE EDUCAÇÃO, 5., 2010, Maceió/AL. **Anais [...]**. Maceió, 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/34118717-Importancia-cultural-da-feira-livre-para-a-populacao-do-municipio-de-parnamirim-rn.html>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MEDEIROS, J. C. **O turista vai à feira: usos e possibilidades do turismo cultural na feira de Currais Novos/RN.** 2012. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2014. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/4683>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MIRANDA, G. M. S. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbanas nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB).** 2009. Dissertação (Mestrado em

Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3220>. Acesso em: 29 jan. 2020.

OLIVEIRA, A. F. B. **Feira livre de Bodocó: memória, africanidades e educação**. 1. ed. Curitiba/PR:CRV, 2014.

SALES, A. P.; RESENDE, L. T.; SETTE, R. S. **Negócio Feira Livre: Um estudo em um município de Minas Gerais**. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÃO DE TRABALHO, 2011, João Pessoa/PB. p.1 a 15. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PORTO VELHO. **Decreto n.º 15.293, de 26 de maio de 2018**. Estabelece atividades e competências para a gestão dos espaços públicos de Porto Velho/RO. Disponível em: <https://arquivos.portovelho.ro.gov.br/uploads/leisdom/2/2018/06/1530046692dom-5719-26-06-2018.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Lei n.º 445, de 27 de março de 2012**. Institui, organiza e regula as feiras livres na cidade de Porto Velho/RO. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ro/p/porto-velho/lei-complementar/2012/45/445/lei-organica-porto-velho-ro>. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Decreto n.º 10.912, de 10 de janeiro de 2008**. Disciplina sobre os aspectos sanitários para funcionamento e comercialização de alimentos nas feiras livres. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/decreto-10912-2008-porto-velho_176826.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Lei n.º 1.876, de 19 de maio de 2000**. Disciplina sobre os resíduos sólidos gerados pelos feirantes durante as atividades nas feiras livres. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Lei n.º 53-A, de 27 de dezembro de 1972**. Institui o Código de Posturas do Município de Porto Velho e dá outras providências. Disponível em: <https://www.cauro.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/lei-n.-53.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SANTOS, J. E. Feiras Livres: (re)apropriação do território na/ da cidade, neste período técnico-científico-informacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, São Paulo, v. 17, n. 2, mai./ ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10771>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SATO, L. **Feira Livre: organização, trabalho e sociedades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, D. O. **A feira livre de Cruz das Almas-BA: dinâmica espacial, planejamento e gestão municipal**. 2018. 140f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Cruz das Almas. Disponível em: <https://repositorio.ufrb.edu.br/handle/prefix/966>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SILVEIRA, V. C. *et al.* Avaliação da importância das feiras livres e a forma de Comercialização adotada pelos feirantes na cidade de Nova Andradina-MS. ENCONTRO INTERNACIONAL DE



GESTÃO, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, 1., 2017. **Anais** [...]. Narivaí/MS, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4288>. Acesso em: 29 jan. 2020.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n.39, p.41-64, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/330>. Acesso em: 11 fev. 2020.